



| | | |
|----------------------------------|---------------------------------|--------------------------|
| Público 06-02-2012 | Periodicidade: Diário | Temática: Turismo |
| | Classe: Informação Geral | Dimensão: 2001 |
| | Âmbito: Nacional | Imagem: S/Cor |
| | Tiragem: 51453 | Página (s): 1/2/3 |

www.publico.pt



Público

Dez anos depois, o Alqueva está a falhar a revolução prometida no turismo e na agricultura

Págs. 2 a 4 e Editorial

MIGUEL MANSO

Alentejo Maior lago artificial da Europa começou a encher há dez anos

Uma década depois, o sonho do Alqueva ainda está por cumprir

Turismo tarda em arrancar. As populações ribeirinhas continuam pobres. E o regadio beneficiou sobretudo as grandes explorações

Reportagem

Ana Henriques

● Encostado ao balcão de um café da Amieira, concelho de Portel, Elídio Zorro beberica um chá, enquanto dá dois dedos de conversa com quem ainda almoça. “Estávamos todos à espera de melhor vida!” E o lago ali tão perto.

Há dez anos atrás, quando as águas do Alqueva começaram a apoderar-se dos montes acostumados ao braseiro do Verão e aos rigores da invernia, já Elídio não tinha idade para grandes aventuras. Limitou-se a crer no que estava para vir. Os mais novos já não iam ter que penar de sol a sol, como ele, que, para escapar à sina, se foi encafiar numa fábrica de conservas em França. Agasalhado com o pelico, o colete de pele de carneiro com as mangas pequeninas dos pastores, o septuagenário desferiu, implacável: “Era para dar algodão, tomate... Mas agora não há emprego numa terra que sempre foi de trabalho. A barragem não está aqui a fazer nada. O Alentejo está morto!”

Pelas aldeias de ruas vazias e casas brancas tanto os velhos como os poucos novos que ainda não abalaram falam do logro. Várias décadas depois do desígnio salazarista dos anos 30 de transformar no celeiro da nação as terras do Alentejo, chegaram as novas promessas do Eldorado: afinal não era o trigo, mas sim a água em abundância que ia salvar a região, por via das culturas de regadio e do turismo politicamente correcto, ecológico e não massificado. Para uns, o sonho está a cumprir-se. Outros, porém, ficaram irremediavelmente de fora, quais danos colaterais de um progresso que teima em ficar só nas mãos de alguns.

Antes de fazer 18 anos Vanessa Freitas mudou-se para águas menos paradas. Nascida na aldeia da Estrela, um verdadeiro fim de linha na estrada, rumou com os pais a

Portimão já depois de a albufeira encher. Era isso ou desistir de seguir os estudos, ela e e irmã. E o grande lago ali tão perto, a rodear a aldeia quase por todos os lados. “No início vinha muita gente de fora comprar produtos da terra”, recorda a aluna de Gestão. “Quando passou a novidade, voltámos a ser mais uma aldeia no Alentejo. Com a desvantagem de que as pessoas que tinham os seus terrenos ficaram sem eles”, porque em muitos dos sítios onde dantes se semeava agora existe água. O dinheiro que as populações receberam à laia de indemnização gastou-se. E as promessas de desenvolvimento, essas, ficaram bastas vezes pelo caminho.

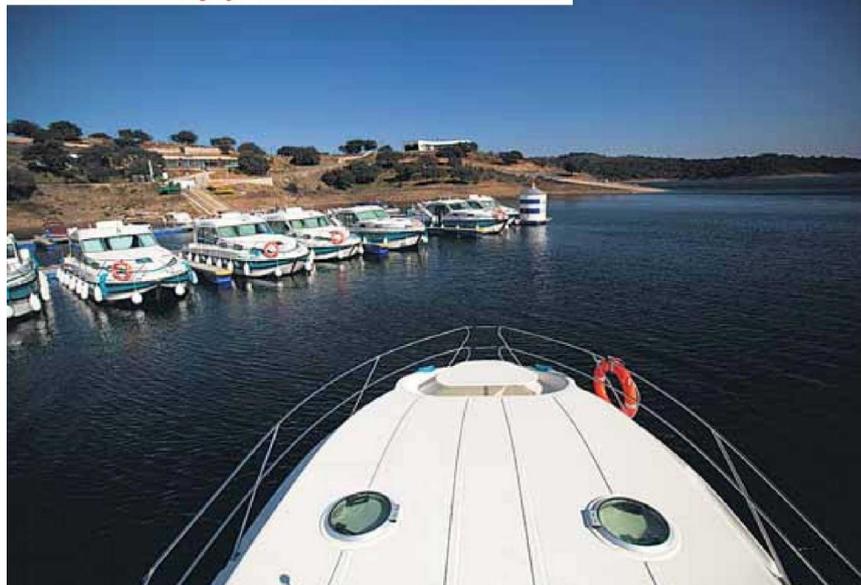
Não era para ser assim. Tanto para a aldeia da Estrela como para dezena e meia de outras povoações suas irmãs situadas em redor da barragem, o céu era o limite, quando a barragem começou a encher. Os projectos turísticos iam travar o despovoamento e revitalizar as localidades ribeirinhas, reconvertidas em “aldeias brancas e floridas”. Na realidade, pouco mudou em muitas delas. “Os turistas chegam aqui, olham para a água e dão meia volta, abalam outra vez”, descreve um reformado. “A Câmara de Moura não deixa fazer nada. Isto aqui acabou.” Nem crianças há. A única que existe na aldeia é emprestada: mora metade do tempo aqui, porque o avô tem de ajudar os pais, que já cá não moram, a criá-la.

Na célebre Aldeia da Luz, transferida há dez anos de um sítio para o outro como num simples jogo de Lego, as tardes na sociedade recreativa passam à custa da Sagres na mão. “As excursões chegam, vêem o museu [evocativo das tradições da região] e vão-se embora”, diz Belchior Almeida, um distribuidor de jornais de 45 anos. Desde que se deu a trasfega, paga a peso de ouro – “O dinheiro aqui gasto dava para construir duas aldeias”, calcula um habitante –, a Aldeia da Luz já perdeu cerca de uma centena dos seus 400

O envelhecimento da população não foi alterado com a construção da barragem



A marina da Amieira é o projecto turístico mais bem sucedido



MIGUEL MANSO



MIGUEL MANSO

A caminho da Amieira, no concelho de Portel, por estradas de terra batida sem placas de orientação, a monótona paisagem acastanhada do montado de azinho e de margaças, pequenos malmequeres que floresceram este ano antes do tempo, começa a mudar. Depois de muito se palmilhar surge um cenário deslumbrante, a planura da terra a unir-se com o azul dos braços do grande lago. Os montes mais altos que escaparam à subida das águas transformaram-se em ilhas e a passareda anima as margens tranquilas do grande lago. Para se chegar à marina da Amieira tem de se voltar ao alcatrão. É aqui que moram as casas-barco, o projecto turístico mais bem sucedido do Alqueva. Mesmo sem carta de marinheiro ou sequer de condução, pega-se numa embarcação munida de *kitchnete* e beliches e explora-se as maravilhas do mar interior sem necessidade de voltar à base durante 15 dias. Se na época baixa 30 euros por dia e por pessoa chegam para a aventura, na época alta a brincadeira fica bem mais cara. Ainda assim, a empresa está bem de saúde e recomenda-se. “Se o nosso modelo de negócio tivesse sido criado na dependência de outros projectos turísticos já não existíamos”, considera o administrador Eduardo Lucas. “Todos os projectos com grande carga de construção ressentiram-se com o fim da bolha imobiliária”.

Um deles fica ali mesmo ao lado. Debruçada sobre as águas, a pacífica propriedade onde ainda existe uma residência de caça d’el-rei D. Carlos vive agora dias de algum bulício. Homens e máquinas estão a transformar a herdade de Roncão d’El Rei num complexo turístico com golfe. O terreno de jogo há-abrir lá para o Outono, seguindo-se-lhe um hotel. Quando funcionar em pleno, a herdade empregará mil pessoas. “Dos vários projectos turísticos de grande dimensão para o Alqueva, foi o único que avançou”, salienta o seu proprietário, José Roquette. “E foi declarado o seu interesse estratégico nacional”. Quando recebeu o cognome de Parque Alqueva, o projecto era bem mais ambicioso: espalhado mais duas herdades e com um prazo de execução de 15 anos, incluía dois portos de recreio, 17 mil camas, equipamentos recreativos, desportivos e culturais e ainda plataformas de aterragem de helicópteros, num investimento da ordem dos 974 milhões de euros. José Roquette não sabe dizer neste momento o que disto tudo irá por diante. As obras nas outras duas herdades “estão adiadas *sine die*”, admite.

“Fez-se muito pouco” até agora para aproveitar o Alqueva, nomeadamente no que à agricultura de regadio diz respeito, observa José Roquette. Daqui em diante, antevê, poderá ser ainda pior: “O Estado não tem um tostão para fazer seja o que for. Vamos comer o pão que o diabo amassou”. com Carlos Dias

Aníbal Costa, autarca de Ferreira do Alentejo Escreveu “Construam-me, porra!!!” e chegou a presidente de câmara

Carlos Dias

● Em Maio de 1994 um pequeno grupo de militantes da Juventude Socialista de Beja ousou provocar as consciências grafitando numa parede do pontão construído em 1977, para dar apoio às obras de Alqueva, uma expressão tipicamente alentejana: “Construam-me, porra!!!”

Um dos jovens que a pintou, Aníbal Costa, é hoje presidente da Câmara de Ferreira do Alentejo, o concelho que mais tem beneficiado do regadio de Alqueva. Nas declarações que prestou ao PÚBLICO, disse ter sido “muito gratificante pertencer ao grupo” que gravou a frase no local onde, no ano seguinte, arrancariam as obras de construção da barragem de Alqueva. “Decidimos colocar algo no muro que demonstrasse como os alentejanos estavam cansados de esperar e de exigir a construção da barragem”, recorda o autarca, que na altura era presidente da Federação do Baixo Alentejo da Juventude Socialista.

Em 1994, movimentos ambientalistas portugueses e espanhóis dirimiam argumentos contra a instalação do empreendimento, que já fora sujeito a vários avanços e recuos desde 1955, quando o então ministro das Obras Públicas, Arantes e Oliveira, ordenava o início dos estudos do Plano de Rega do Alentejo.

Uma mensagem viral

O autarca lembra que nenhum dos jovens socialistas antecipou que a frase viesse a ter a projecção que ainda se reflecte nos dias de hoje. “Era dirigida apenas aos que passassem pelo pontão.” Hoje seria diferente, com as redes sociais. Foi um gesto que classifica de “genuíno e sem outros propósitos políticos”, acentua, frisando a “estupefacção” que sentiram quando a viram projectada nos jornais e

na televisão. “Nem sabíamos como lidar com a pressão mediática.” Os jovens socialistas, na circunstância, até sentiram necessidade de rapidamente saber que “tipo de linguagem” deveriam utilizar na relação com a comunicação social, como o PÚBLICO pôde comprovar.

Decorridos 18 anos daquele momento, Aníbal Costa sente-se orgulhoso do gesto que ajudou “à sua maneira” a transformar o mito de Alqueva numa realidade que veio a beneficiar, em primeiro lugar, o concelho onde hoje é presidente de câmara.

No lugar das searas de trigo e de outras culturas de sequeiro, em Ferreira do Alentejo cresce o novo olival, a vinha, as culturas de melão, melancia, tomate e outras, que no seu conjunto já ocupam cerca de 10 mil hectares de regadio.

18

Era para servir de protesto ou de desabafo, mas a pichagem feita há 18 anos atrás serviu para acelerar a obra do Alqueva

Se não fosse Alqueva, “difícilmente” os agricultores do concelho “poderiam dispor de 40 milhões de metros cúbicos de água”, necessários à viabilização da nova agricultura que já tem uma taxa de adesão de 75% na área disponibilizada para rega.

“[Agora] estamos à espera das agro-industriais”, acentua, optimista, Aníbal Costa, sem evitar uma crítica ao anúncio da suspensão das obras feito pela actual ministra da Agricultura, Assunção Cristas.

“Os agricultores investiram em novos equipamentos de rega, assumiram compromissos inadiáveis e agora suspendem-se as obras de Alqueva”, aponta o autarca. E deixa uma nova frase adequada às circunstâncias: “Concluam o regadio, porra!!!”

habitantes, mau grado as casas novas que todos receberam, a escola a estrear, que entretanto já esteve para fechar as portas por falta de clientela, e outras mordomias pouco comuns por estas bandas. O presidente da junta, Francisco Oliveira, não se conforma. “A população sente-se enganada mais do que nunca”, vocifera. “À Aldeia da Luz o Alqueva não trouxe benefício nenhum. Estão a matar a pouco e pouco o Alentejo.” O autarca social-democrata responsabiliza os sucessivos governos por o desenvolvimento das aldeias ribeirinhas nunca ter passado de uma miragem. “Gastou-se o dinheiro dos portugueses e não se serviu as populações. Isto foi feito à medida dos interesses de quatro ou cinco potências imobiliárias.” Depois, acrescenta, “os agricultores não têm qualificações para gerir as infra-estruturas de regadio que foram criadas”.

Nascido num dos concelhos mais beneficiados pelo Alqueva, Ferreira do Alentejo, e apologista dos benefícios trazidos pela barragem, o ex-ministro da Agricultura Sevinat

Pinto põe também o dedo na mesma ferida: “É inconcebível como a Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva gastou centenas de milhões de euros em cimento e nunca investiu um tostão em conhecimento.”

A água do Alqueva “já está a regar áreas muito significativas do Alentejo”, frisa o ex-governante. “Graças em grande parte a ela o país atingiu a auto-suficiência na produção de azeite”, por via do muito olival novo entretanto plantado. Sevinat Pinto fala ainda do surgimento de centenas de hectares de pomar, frutos secos e vinha para defender os proveitos daquele que considera ser “o maior e mais promissor projecto agrícola português das últimas décadas”.

“Claro que é muito difícil converter um agricultor de sequeiro num de regadio, especialmente uma pessoa de 50 ou 60 anos e sem capacidade de investimento”, reconhece. “Mas 46% da população do Alentejo vive da Segurança Social. É uma precipitação dizer que o bebé Alqueva está morto.” De facto, nem todos se queixam.



LUÍS RAMOS/ARQUIVO

Jovens socialistas autores da pichagem não esperavam tanto impacto